

A CIRCULAÇÃO DOS EFEITOS DE SENTIDO SOBRE HOMOSSEXUALIDADE NA/PELA RELIGIÃO EM VIAS DE MEDIATEZADOÇÃO¹

Catiane Rocha Passos de Souza²

Tatiane Milani³

Resumo: Este trabalho discute como discursos que emergem na circulação midiática tensionam os espaços de regulamentações do comportamento social, dentre eles, a religião. Nessa perspectiva, analisamos discursos religiosos sobre a homossexualidade, para compreender como, na circulação midiática, afetam novos e/ou velhos paradigmas. Para isso, consideramos a noção de Circulação Discursiva, desenvolvida por Eliseo Véron e por Antônio Fausto Neto, também as discussões de José Luiz Braga quanto à sociedade em mediação. Especificamente, analisamos os dizeres do Papa Francisco sobre homossexualidade, em coletiva após Jornada Mundial da Juventude (2013), e a circulação desses dizeres em postagens dos líderes pentecostais Silas Malafaia e Marco Feliciano.

Palavras-chave: Homossexualidade; Circulação.

Abstract: This work aims to discuss the way how discourses that emerge in the media circulation are beginning to stress the regulation spaces of social behavior, among them, religion. In this perspective, we analyze religious discourses about the homosexuality, to understand how, in the media circulation, they affect new and/or old moral paradigms. To that, we consider the notion of Discursive Circulation, developed by Eliseo Véron and Antônio Fausto Neto, also the discussions of José Luiz Braga regarding the society in mediation. Specifically, we will analyze the words of Pope Francis about homosexuality, in interview after World Youth Journey (2013), and the circulation of these sayings in posts of the pentecostal leaders Silas Malafaia and Marco Feliciano.

Key-words: Homosexuality; Circulation.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da luta política pelo reconhecimento das diferenças na sociedade contemporânea, a homossexualidade até os dias atuais é condenada nas igrejas cristãs, que a compreendem como perversão. Entretanto, essa realidade vem sofrendo mudanças, desde

¹ Trabalho apresentado, em sua versão inicial, no DT 6 – Interfaces Comunicacionais, no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). cursou Doutorado Sanduíche no PPGCOM da Unisinos - São Leopoldo – RS. Mestre em Linguística (UFAL). Professora do Departamento de Linguagens do Instituto Federal da Bahia - Campus Salvador. Pesquisadora no GEOTEC/IFBA. catirochapassos@gmail.com.

³ Jornalista, graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo (UFSM/FW), Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na linha de Mediação e Processos Sociais (UNISINOS) – São Leopoldo/RS (Bolsista Capes/Taxa). E-mail: tatianemilani@edu.unisinos.br.

discursos de tolerância e acolhida nas igrejas tradicionais à criação de grupos e/ou comunidades cristãs independentes. Isso se dá a partir da perspectiva de uma “teologia inclusiva” cujos fundamentos se formulam por meio de literaturas e discursos teológicos que reinterpretam passagens bíblicas utilizadas como argumentação das igrejas contra a homossexualidade. Nesse tipo de religiosidade cristã “inclusiva”, indivíduos homoafetivos, transgêneros ou de qualquer outra identificação, conforme orientação sexual e/ou identidade de gênero, passam a exercer práticas, rituais e viver a religiosidade cristã sem necessidade de esconder ou resistir à própria identificação.

Essas mudanças no seio da religião são muito recentes. Embora possuam uma historicidade que marca seu início na década de 60, essas comunidades e igrejas surgem no Brasil de modo articulado no século XXI. Até os anos 90 não havia nas denominações cristãs debates sobre a questão da homossexualidade, agia-se de modo a evitar questões polêmicas dentro dos muros das instituições religiosas. No Brasil, o assunto passou a ser debatido nas igrejas a partir da criação e atuação do Movimento LGBT⁴ que se organizou em prol de reconhecimento numa série de ações legislativas e judiciais, como por exemplo, projetos de lei para reconhecer a parceria civil entre gays e criminalizar a homofobia, além de campanhas de sensibilização da população a favor dessas ações. Paralela à atuação do Movimento LGBT no Brasil surge uma articulação entre políticos, religiosos e conservadores que afloram o debate público sobre a homossexualidade. Esse debate ganhou espaço, sobretudo, nos púlpitos das igrejas que associam às mídias a responsabilidade do fortalecimento de ações em favor às causas do Movimento LGBT.

Mais recentemente, houve a ruptura do silêncio institucional católico sobre homossexualidade trazendo à tona outra perspectiva de posturas discursivas sobre o assunto dentro do Cristianismo. O tema foi o marco da fala do Papa Francisco na coletiva durante o voo de regresso após a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no Brasil em 2013. Os efeitos de sentido dos dizeres do papa no episódio citado circulam até os dias atuais. Para alguns funcionam como modo de legitimar a “teologia inclusiva”, para outros como modo de resistência à “reinterpretação” da homossexualidade pelos cristãos.

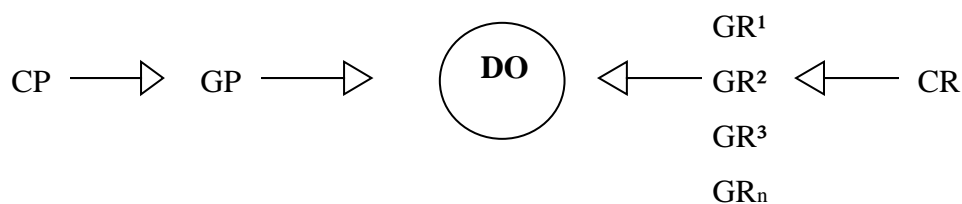
⁴ Em 1995 é fundada a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis). Atualmente, a sigla possui algumas variações. Em nosso trabalho, adotaremos a versão mais popular, LGBT.

2 CIRCUITOS CANHESTROS E ACOPLAMENTOS NA (ENTRE)ZONA DE INTERPENETRAÇÃO

Em nosso trabalho, ganha fôlego a perspectiva latina dos estudos de midiatização, da qual se destacam como principais expoentes as obras do argentino Eliseo Verón e as dos brasileiros Antonio Fausto Neto e José Luis Braga. Essa perspectiva não reduz a conceituação de midiatização às lógicas das mídias influenciando os demais campos sociais, mas a compreende enquanto “processo interacional de referência” (BRAGA, 2006), ou seja, “a cultura midiática se converte em referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93). Assim, estudar a midiatização requer observar as lógicas midiáticas atreladas aos processos sociais e vice-versa.

Para Verón (1997) a circulação é o lugar onde se apreende o funcionamento do processo de midiatização. A circulação é também problematizada nas obras de Fausto Neto (2010) que destacam uma transformação no conceito de circulação, antes “uma espécie de zona insondável”, “intervalo” ou “passagem”. Em seguida, a circulação passou a ser conceituada nas interfaces entre produção e reconhecimento, no lugar de seus contornos já não tão delimitados: “A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – perde suas marcas discursivas de fronteiras”. (FAUSTO NETO, 2010, p. 61). O “novo dispositivo circulatório” se estabelece “agora numa zona de inter-discursos complexos” que requer em sua “topografia” uma “nova analítica” (FAUSTO NETO, 2011). O analista deve considerar que, com a dissolução das fronteiras entre produção e reconhecimento, “um sistema penetra com suas lógicas no meio e esse meio, simultaneamente, insere-se com suas lógicas no sistema fazendo com que ambos se influenciem, mutuamente”. (FAUSTO NETO; SGORLA, 2013, p. 3). A nova analítica é bastante complexa, pois a interpenetração dos sistemas de produção e reconhecimento acionam as lógicas de heterogeneidades (FAUSTO NETO, 2010, p. 65).

Figura 1 – A circulação discursiva



Fonte: Verón, 2007-2013.

O esquema da circulação discursiva, proposto e discutido por Verón (2013), apresenta o Discurso/Objeto (DO), ou seja, a materialidade que pode ser submetida à análise. Esse discurso é o resultado de um dispositivo-técnico (uma pintura, um livro, um filme, uma fotografia, um programa de TV, etc), cujas especificidades exigem do analista certas hipóteses (VERÓN, 2013, p. 294). Em nosso trabalho, o DO são os dizeres do Papa que se formulam em determinada Condição de Produção (CP), e em determinada Gramática de Produção (GP). No lado direito temos o reconhecimento, em que o gráfico representa “a não linearidade da circulação da semiosis”, ou seja, indica “a necessária pluralidade de gramáticas de reconhecimento do DO (GR¹, GR², GR³... GR_n), que exigem, na sua vez, para sua explicação, um reenvio às condições de reconhecimento (CR)”. (VERÓN, 2013, p. 293). No caso de nossa análise, do lado do reconhecimento analisaremos a interpretação dos dizeres do Papa Francisco por representantes das Igrejas Evangélicas Pentecostais Assembleias de Deus.

Em ambos os polos operam lógicas distintas que indicam o caráter não linear da comunicação, ou seja, “ao situar o status da circulação como fonte desta nova complexidade – a comunicação enquanto um processo afastado do equilíbrio – potencializa a noção de divergência, no lugar de defasagem”. (FAUSTO NETO, 2016, p. 19). Em nossa análise, os dizeres do Papa Francisco situam e potencializam divergências e “acoplamentos”, no sentido discutido em Fausto Neto (2016, p. 19), ou seja, na “complexa atividade relacional entre sistema {social} e os sistema {sócio-individual}”. Nesse sentido, situamos nossa observação na “(entre)zona de interpenetração” (VERÓN, 1997), em que há uma memória discursiva que aciona a emergência de dizeres do Papa Francisco sobre a homossexualidade. Portanto, olhado pelo ângulo do momento histórico de fortalecimento de comunidades cristãs “inclusivas”, em divergência com as comunidades tradicionais, mas em convergência com o modo de viver na contemporaneidade. Esses dizeres, no fluxo adiante das mídias digitais, nos indicam, em “circuitos canhestros” (BRAGA, 2012), repercussões no perfil do campo religioso cristão, colocando em tensão a esfera da legitimidade dos dizeres de autoridades do próprio campo.

3 NOVOS DISCURSOS ENTRE NOVOS PARADIGMAS

Os dizeres do Papa Francisco, na coletiva no voo de retorno ao Vaticano, em julho de 2013, rompeu com o silêncio institucional católico quanto à homossexualidade. A pergunta foi dirigida ao Papa Francisco pela jornalista Ilze Scamparini, correspondente da Rede Globo

na Itália, que o questionou sobre um caso particular em volta do Mons. Ricca, e em seguida pergunta sobre a questão do lobby gay. Vejamos a íntegra da pergunta e resposta:

Figura 2– Íntegra da pergunta e da resposta sobre os homossexuais

Ilze Scamparini:

Queria pedir licença para fazer uma pergunta um pouco delicada: outra imagem que também girou um pouco pelo mundo, foi a de Mons. Ricca e as notícias sobre a sua intimidade. Queria saber, Santidade, que pensa fazer em relação a este assunto? Como enfrentar esta questão e como Vossa Santidade pensa abordar toda a questão da lobby gay.

Papa Francisco:

No caso de Mons. Ricca; eu fiz aquilo que o Direito Canônico manda fazer, ou seja, a *investigatio previa*. E, a partir desta *investigatio*, não há nada de quanto o acusam, não encontramos nada sobre isso. Esta é a resposta. Mas eu queria acrescentar mais uma coisa sobre isso: eu vejo que muitas vezes na Igreja, fora deste caso e também neste caso, vão-se procurar, por exemplo, os «pecados de juventude» e isso é publicado. Não se trata de delitos, atenção; os delitos são coisa diferente: o abuso de menores é um delito. Não se trata disso, mas de pecados. Ora, se uma pessoa – leigo, sacerdote ou religiosa – cometeu um pecado e depois se converteu, o Senhor perdoa; e quando o Senhor perdoa, o Senhor esquece. E isso é importante para a nossa vida. Quando vamos nos confessar e dizemos, com verdade, «eu pequei nisto», o Senhor esquece e nós não temos o direito de não esquecer, porque corremos o risco de que o Senhor também não se esqueça dos nossos [pecados]. Isso é um perigo. Isso é importante: a teologia do pecado. Muitas vezes eu penso em São Pedro: fez um dos piores pecados, que é renegar a Cristo, e com este pecado Cristo o fez Papa. Devemos pensar muito. Mas, voltando à sua pergunta mais concreta:

neste caso, eu fiz a *investigatio previa* e nada encontramos. Esta era a primeira pergunta. Depois, você falava da lobby gay. Bem! Escreve-se muito sobre a lobby gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há. Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby, porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade». O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro, outro. O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave. E lhe agradeço muito por ter feito esta pergunta. Muito obrigado!

Fonte: Santa Sé (Vaticano).⁵

Para analisar a fala do pontífice, inicialmente, partimos do conceito de Silêncio enquanto fundante para a existência da religião. Segundo Orlandi (2007, p. 41), é no discurso religioso que Deus representa a onipotência do silêncio, ou seja, no silêncio de Deus revela-se o dizer da religião. O silêncio de Deus, portanto, é fundador dessa prática. No entanto, não é apenas o silêncio de Deus que se faz necessário para o discurso religioso, é preciso silenciar sentidos que se opõem à “verdade religiosa”, os sentidos que geram dúvidas e questionam a fé, por isso, é um discurso autoritário e tende à monossemia⁶. Para Orlandi (2007, p. 102), “o silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso”. Nessa perspectiva, os dizeres do papa, que indicam sentidos de

⁵ Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html>. Acesso em junho de 2017.

⁶ A imposição do silêncio, naturalizado como exercício para a santidade, é concretizada nos votos aceitos na clausura e em outras situações. Algumas práticas da política do silenciamento como a excomunhão, servem ao disciplinamento dos comportamentos, das atitudes e dos sentidos: “a ideia de que Deus fala somente quando a criatura se cala passou a ter claramente o sentido de educar para uma *ponderação* serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência individual” (WEBER, 2004, p. 135).

acolhida ao invés de condenação, rompem com o silêncio institucional para fazer silenciar o sentido de que a Igreja exclui e condena a homossexualidade.

Assim, a pergunta que nos aparece é: Quem é o sujeito do discurso de acolhida aos homossexuais que fala nos dizeres do papa? Para responder é preciso voltar às condições e gramáticas de produção desses dizeres. Essas condições de produção dizem respeito, sobretudo, à conjuntura sócio-política-religiosa contemporânea da proliferação de religiosidades individualizadas, conforme coletivos de processos de identificação. Quanto às gramáticas de produção, vale destacar os modos de dizer do Papa Francisco em coletivas com jornalistas em voo, como foi o caso da viagem após a JMJ, e seu discurso de acolhimento.

Ao analisar os dizeres do Papa Francisco, percebe-se, inicialmente, uma postura de acolhida ao abordar a questão da homossexualidade. A quebra do silêncio da instituição Católica a respeito de um tema que, antes nem mesmo era abordado pelos seus antecessores, faz abrir um horizonte de esperança ao debate. Desde sua consagração, Francisco se caracteriza pelo discurso que indica sua formação religiosa, reforçando princípios da simplicidade e humildade, inclusive, durante a própria coletiva, no tratamento aos jornalistas. Utilizar o tempo-espaço do voo para dar entrevistas à imprensa também nunca foi adotado pelos antecessores, é um tipo de gramática de produção do atual pontífice. Trata-se de um tempo-espaço fora das especificidades institucionais, em trânsito geográfico, falando a um grupo de jornalistas, representantes de inúmeros países e instituições.

Esse tipo de gramática contribui para que questões de pauta da vida contemporânea venham se materializar em dizeres, pois, a ambiência torna-se menos regularizada por regras institucionais ou costumes culturais que se diferenciam conforme região, cidade, país, etc. Essa ambiência vai diferenciar a forma com que falou dos homossexuais: “Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?”. Isso deve ser destacado porque antes de Francisco a Igreja Católica não falava abertamente sobre o assunto. Pelo contrário, mantinha o discurso de não aceitação a homossexualidade. Embora a prática católica não tenha sofrido alterações significativas, o discurso de acolhida aos homossexuais criou a expectativa de mudanças. A questão que Francisco abordou como negativa foi o ativismo em prol da causa: “O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby”.

Ao nos questionar quem é esse sujeito do discurso de acolhida aos homossexuais, podemos sinalizar o momento e os motivos que levaram um cardeal jesuíta latino-americano, reconhecido como o “bispo do povo” ser eleito ao cargo de papa. São muitas indagações que

podem nos apontar motivos para essa aproximação da Igreja Católica ao discurso de acolhida aos homossexuais. O fato de na entrevista o pontífice agradecer à jornalista por fazer essa pergunta “E lhe agradeço muito por ter feito esta pergunta. Muito obrigado!”, nos remete a um discurso em vias de ser materializado, mas que dependia de condições propícias para sua enunciação. Uma dessas condições se apresenta na espécie de gramática de coletiva jornalística durante voos.

Desde os anos 2000, vê-se uma gradativa visibilidade de grupos de homoafetivos que se unem para formar “igrejas” cristãs específicas, nas quais possam ser acolhidos de sua maneira sem sofrer preconceito ou discriminação. Subentende-se que há a necessidade por parte da igreja de se apropriar do discurso de inclusão, possivelmente, em vista do declínio no número de fiéis nos últimos anos, e que para conduzir esse novo diálogo foi preciso um novo perfil pontifício. A conjuntura sócio-política-religiosa interpenetra-se com as lógicas de midiaticização, e esse fenômeno suscita transformações em todo Cristianismo. Considerando tal conceito, compreende-se algumas questões emblemáticas da atuação do pontífice, designadas a produzir uma imagem midiaticizada de sua representação. Acrescenta-se a isso, a linguagem e a forma como são transmitidas as suas mensagens, a fim de compreender as mudanças em sua forma de comunicar, e, se comunicar.

3.1 Igrejas gays no Brasil: ameaça às grandes instituições?

As igrejas inclusivas, ou seja, que se utilizam da teologia inclusiva, chegaram no Brasil no início dos anos 2000 e cresceram bastante até os dias atuais, especialmente a partir de 2010. Em entrevista ao site do El país⁷, em agosto de 2016, o antropólogo da USP, Marcelo Natividade Bruno Fujii fala do nascimento desse tipo de igreja nos EUA, no simbólico ano de 1968, em meio a emergência do movimento LGBT. A pioneira foi a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), que existe até hoje, inclusive no Brasil. No Brasil, anos 90, o antropólogo retrata a atitude do pastor presbiteriano Nehemias Marien em aceitar homossexuais em sua igreja, que resulta no seu desligamento da congregação. Nos anos 2000, a luta LGBT atraiu, de certo modo, a ICM para o Brasil, mas é na última década que esse tipo de igreja surgiu em maior número no país. Dentre elas: a Igreja Contemporânea Cristã, a

⁷ FUJII, Marcelo Natividade Bruno. Entrevista. Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa. **El País**. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html>. Acesso em 23/03/2017.

Cidade Refúgio⁸ e a Congregação Cristã Nova Esperança, que já estão espalhadas por diversos estados.

Essas comunidades acoplaram discurso cristão e discurso de inclusão de todos as formas de orientação sexual e/ou de identificação de gênero. Essas acoplagens, de algum modo, se refletem em dizeres que ora configuram aceitação dessas identidades dentro do Cristianismo, mas também provocam as divergências que existem em relação a esse modo de inclusão. Toda essa conjuntura passa a colocar em tensão as posturas dessas instituições tradicionais e, de alguma forma, questiona a validade de regulamentações criadas e defendidas por essas instituições. De todo modo, essas comunidades buscam o reconhecimento no universo cristão, são novas cisões que colocam no interior do Cristianismo outras possibilidades de existência, conforme a pluralidade religiosa no mundo contemporâneo.

Para essas comunidades cristãs inclusivas e mesmo algumas igrejas independentes que começaram a adotar a teologia inclusiva, os dizeres do Papa repercutiram como legitimação ao acoplamento do cristianismo aos valores da sociedade contemporânea. A matéria especial publicada em 12/03/2016 no site Gazetaweb⁹ traz diferentes resultados da circulação dos dizeres do líder católico em algumas igrejas de variadas denominações cristãs, inclusive no Catolicismo. Entre essas denominações, citadas na matéria, as Igrejas Assembleias de Deus aparecem representadas pela fala do pastor, teólogo e bacharel em Direito, José Laelson da Silva que afirma a possibilidade de gays frequentarem os cultos, mas não de serem batizados, ou seja, não podem se tornar membros da denominação.

4 ACOPLAMENTOS EM CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA

As Igrejas Assembleias de Deus (ADs) possuem mais de 100 anos de fundação no país. Trata-se de uma denominação pentecostal com uma história de importância no quadro dessa corrente religiosa. É a denominação protestante que reúne o maior número de seguidores distribuídos em diversos ministérios, convenções, além das igrejas ADs independentes. Apesar de reunir uma diversidade de estruturas administrativas e eclesiais,

⁸ Cidade Refúgio mescla o pentecostalismo à nova proposta, sua fundadora é Lanna Holder, ex-pregadora das Assembleias de Deus.

⁹ BASTOS, Larissa. Em decisão polêmica, Igreja Batista do Pinheiro libera batismo de homossexuais. **Gazetaweb.com**. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/portal/especial.php?c=5823>>. Acesso em 30/03/2017.

as ADs possuem uma tendência à homogeneização de seus discursos teológicos e doutrinários, postulados e difundidos, principalmente, pelo maior coletivo de especialistas da denominação: a CGADB, Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. A partir dos anos 90, a CGADB investe na “Política Institucional” das ADs lançando candidatos a cargos políticos com a bandeira de combate à “imoralidade”. Nesse contexto, o reconhecimento social de direitos civis a indivíduos que se autodeclararam homossexuais é compreendido como um problema moral. No jornal oficial das ADs, Mensageiro da Paz (MP), maio de 2013, em entrevista, o Presidente da CGADB, Pastor José Wellington Bezerra, explica o manifesto da Mesa Diretora contra o casamento homossexual, a profissionalização da prostituição, a legalização do aborto e das drogas.

Hoje, temos na Câmara 28 deputados federais que são assembleianos, e temos mantido contato e orientado os nossos irmãos para que nos representem diante de algumas leis nefandas que tramitam na Câmara e no Senado. Nós somos evangélicos e a Palavra de Deus não nos autoriza a prática do aborto, que é um crime; a Bíblia também não autoriza a união entre pessoas do mesmo sexo, porque o homem deve casar-se com uma mulher e o apóstolo Paulo ensina que a união deve ser monogâmica. Certa feita, eu li uma notícia de que um juiz no Estado do Amazonas autorizou um cidadão contrair núpcias com duas mulheres e a atual situação está declinando para o ridículo. Mas, eu quero deixar claro que não somos contra os homossexuais, mas contra a prática, que é considerada pecado. Nós amamos essas pessoas e o nosso desejo é conduzi-las a Cristo. Mas quanto à legalização do “casamento” entre pessoas do mesmo sexo, nós somos totalmente contra, não podemos aceitar uma indecência como essa. (MP, nº 1536, maio de 2013, CPAD, p. 11).

Os representantes religiosos assembleianos não negam os objetivos em lançar candidaturas com posições contrárias às pautas de encontro aos princípios morais conservadores. Essas posições alimentam uma crença na perseguição religiosa que convence o fiel a usar o voto como arma de defesa. O maior número de homossexuais assumidos e a divulgação de ações do Movimento LGBT também são acionados para a crença da existência de uma guerra entre cristãos e mídia. Enfim, compreendem ações de reconhecimento à homossexualidade como inversão dos valores morais na sociedade e acusam a mídia de fomentar essas ações. Com o lançamento do PL122/2006 na Câmara dos Deputados criminalizando a homofobia, houve mobilizações de grupos religiosos contrários ao projeto.

Os grupos religiosos têm conseguido ainda trabalhar na Câmara dos Deputados para inviabilizar a votação do Projeto de Lei 122/2006, que torna a homofobia (ações discriminatórias contra homossexuais) crime. Aprovado na Câmara em 2006, arrastou-se em trâmite pelo senado até dezembro de 2014, quando foi arquivado, por conta de ações lideradas pelo senador evangélico Magno Malta (PR/ES) e pelo senador católico Weliton Dias (PT/PI). Novo projeto foi apresentado pela deputada

Embora o processo esteja paralisado desde 2014, o discurso homofóbico se apresenta em outros modos de dizer, por exemplo, “amamos os gays, mas condenamos o homossexualismo”. O mesmo discurso é enunciado de formas diversas, como no dizer do pastor presidente da CGADB: “não somos contra os homossexuais, mas contra a prática, que é considerada pecado”. (MP, nº 1536, maio de 2013, CPAD, p. 11). As conquistas do movimento LGBT, o tratamento “politicamente correto”, a maior presença de homossexuais na teledramaturgia e nas propagandas de TV, de modo menos caricatural, mais naturalizado, tudo isso é compreendido como fatores que geram o crescimento da população homossexual.

As discussões sobre o assunto nos diversos espaços sociais são entendidas, por boa parte dos cristãos conservadores, como incentivo às crianças, adolescentes e jovens em assumirem ou “adquirirem” a homossexualidade. Desse modo, qualquer notícia ou reportagem sobre conquistas de direitos de homoafetivos são compreendidas como afronta. O assunto volta ao debate público sempre pelas grandes mídias, como, por exemplo, na série de quatro episódios 'Quem Sou Eu?', estreada em março de 2017 no Programa Semanal Fantástico, da Rede Globo, que se propõe a contar histórias de transgêneros em diferentes fases da vida, ressaltando a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual.

Os espaços de discussão do assunto, além do ambiente das mídias, são ainda raros, por exemplo, materiais de educação sexual que tocam no assunto foram proibidos de ser distribuídos em escolas. Muitos desses materiais, que incluem cartilhas e folhetos, foram produzidos por órgãos do governo, mas tiveram sua distribuição interrompida. Essas polêmicas em torno desse tipo de material passaram a existir a partir de 2011 quando material do projeto “Escola sem Homofobia”, do governo federal, foi retirado de circulação por conta de campanha do Congresso Nacional que acusava o material de estimular o homossexualismo e a promiscuidade. Esse material ficou pejorativamente conhecido por “kit gay”. Desde então, houve vários episódios de interrupção e recolhimento de materiais sobre educação sexual nas escolas. A maioria desses episódios resulta de campanhas de políticos e da própria comunidade em redes sociais pela internet.

Dois pastores assembleianos midiáticos que mobilizaram as comunidades quanto ao posicionamento frente às questões da homossexualidade são: Pastor Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, conhecido em todo país por possuir programas na TV desde de 1981; o outro é o Pastor Marco Feliciano, da Assembleia de Deus Ministério

Catedral do Avivamento, deputado federal (PSC-SP) desde 2010, foi presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), no ano de 2013, cargo que exerceu envolto à polêmicas diversas. Esses dois pastores se posicionaram em suas redes sociais quanto aos dizeres do Papa sobre a homossexualidade no episódio de 2013.

4.1 “A imprensa só deveria ser mais honesta”

Os comentários do Pastor Marco Feliciano sobre os dizeres do Papa em sua conta no Twitter ganharam circulação em outras mídias que ressaltaram, de algum modo, uma postura de concordância. Essa concordância foi compreendida a partir dos comentários 1 e 2 (ver enumeração da Figura 2) que indicam que o tipo de acolhimento proposto pelo Papa Francisco já é praticado nas igrejas evangélicas. Entretanto, nos comentários 3 e 5, discorda da imprensa, segundo o qual havia sido “desonesta” no modo como publicou esses dizeres. Mais uma vez a mídia é apontada como a inimiga da “verdade” distorcendo os dizeres a favor da legitimidade da aceitação da homossexualidade dentro do Cristianismo. No comentário 3, o pastor acrescenta que o papa havia dito que a igreja não mudou seu posicionamento quanto à homossexualidade, apesar dos dizeres de acolhida.

Figura 3 – Comentários de Marco Feliciano



Fonte: Twitter (@marcofeliciano). Acesso em junho, 2017.

O pastor segue sua interpretação dos dizeres do Papa à luz de sua posição que se legitima nos discursos do seu lugar de fala enquanto pastor assembleiano. No comentário 4 “ela ama o pecador, mas não ama o pecado, aceita o homossexual, mas não aceita o ato homossexual” traz o interdiscurso de mesma significação dos dizeres do pastor presidente da CGADB, “não somos contra os homossexuais, mas contra a prática, que é considerada pecado”. (MP, nº 1536, maio de 2013, CPAD, p. 11). Esse discurso se repete como mecanismo a convencer que não há perseguição ou condenação aos homossexuais nas igrejas. Assim, o que se observa é que a mesma lógica que oferece acolhida exerce a opressão, uma luta de contrários em prol da manutenção da estrutura de exclusão, nas igrejas tradicionais, aos homossexuais assumidos.

Ainda no comentário 4 afirma: “A igreja não muda o que a Bíblia diz”, indicando a possibilidade de desajuste entre os dizeres do Papa, autoridade máxima da Igreja Católica, e os dizeres da Bíblia. Como referência bíblica a sua interpretação dos dizeres do Papa Francisco, o pastor cita Gálatas 1:8 no comentário anterior a toda sua explicação: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”. Ser anátema, no sentido do texto bíblico, é ser maldito e separado de Deus por estar se utilizando de uma posição superior, anjo ou apóstolo, para anunciar “outro evangelho”. Nessa conjuntura, o Papa Francisco seria anátema por estar modificando um discurso religioso que se referenda numa dada interpretação do “Evangelho”. Aqui reconhecemos no discurso do pastor uma tentativa de tornar ilegítimos os dizeres do pontífice. Esses efeitos de ilegitimidade aos dizeres do Papa também serão acionados nos comentários do Pastor Silas Malafaia.

4.2 “Vão perder muito mais gente”: mercadológicas dos dizeres do Papa

A interpretação que o pastor Silas Malafaia faz dos dizeres do Papa Francisco pode ser apreendida em publicação de seu site Verdade Gospel¹⁰, onde lista 8 comentários. Nos dois primeiros comentários, o pastor destaca a divulgação anterior da existência de um “lobby gay” no Vaticano, do qual o Papa Francisco estaria tentando negar. Segundo o pastor, a falta de posicionamento contrário a homossexualidade causaria maiores prejuízos ao Catolicismo, como a perda de fiéis. Aciona o discurso de que há uma migração de católicos para igrejas

¹⁰ Malafaia, Silas. Papa cede a ‘lobby gay’; Pr. Silas Malafaia comenta. Verdade Gospel.Com. <http://www.verdadegospel.com/papa-cede-a-lobby-gay-pr-silas-malafaia-comenta>. Acesso em 30/03/2017

evangélicas por falta desses posicionamentos contrários à homossexualidade. O que leva a entender que a igreja evangélica estaria crescendo por ser contra o “lobby gay”, ou seja, contra os agentes de defesa a homossexualidade:

- 1) Foi notícia em todos os jornais do mundo. Assim que o Papa Francisco assumiu, ele declarou que havia um “lobby gay” no Vaticano. Pelo jeito da palavra dúbia que ele declarou, me parece que ele cedeu a este lobby. Do jeito que vão, sem uma posição incisiva contra o pecado, vão perder muito mais gente.
- 2) Depois a Igreja Católica reclama que está perdendo gente para a igreja evangélica. Lhe falta condenar o pecado (...). (MALAFAIA, 2013, s/p).

Ao contrário desse fluxo de migração acionado no discurso do pastor, o Censo do IBGE em 2010¹¹ indica uma migração das grandes instituições para grupos menores. No campo religioso pentecostal, por exemplo, o grande destaque desse Censo foi 5.267.029 indivíduos que se declaram evangélicos de origem pentecostal com filiações diversas, fora das grandes instituições como as ADs. Esse número foi o que mais cresceu, pois em 2000 eram 1.840.581. Outro dado interessante é que em 2000, o Censo classificava “pentecostais sem vinculação institucional”, diferentemente de 2010 quando juntou-se à classificação de “evangélicos não determinados”, o número passou de 1.046.487 em 2000 para 9.218.129 em 2010. O crescimento do número de fiéis, portanto, não está relacionado a posicionamentos midiáticos contra ou a favor da homossexualidade, mas tem relação com o desenvolvimento de religiosidades mais particularizadas e conforme às diversidades de modos de vida, sem deixar de ser cristão, evangélico ou mesmo pentecostal.

No comentário 3, o pastor inicia fazendo uma pergunta: “Por que o Papa não diz que a prática homossexual é pecado e Deus condena na sua palavra?”. Apesar de não apresentar uma resposta direta, o sentido de resposta aparece nos dizeres: “não podemos negociar com ele (pecado), se assim o fizermos, deixamos de ser a igreja de Jesus”. Nesse caso, os efeitos de sentido indicam que há uma tentativa nos dizeres do Papa de negociar com o “lobby gay”. No comentário 4, os dizeres do pastor apontam a negociação: “(...) Uma coisa é ir a Deus arrependido para mudar de vida, outra é apenas querer a benesse de Deus mas continuar com a vida de pecado. Olha o que a Bíblia diz (Gálatas 6.7): ‘Deus não se deixa escarnecer. O que o homem plantar, vai colher’”. Nos comentários 5 e 6, o pastor indica o preço que a igreja

¹¹ IBGE. **Censo demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiências. ISSN 0104-3145 Censo demogr., Rio de Janeiro, p.1-215, 2010. http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 30/03/2017.

pagaria pela negociação: ilegitimidade dos dizeres papais que enfraqueceria sua autoridade e, consequentemente, perda de fiéis:

- 5) Faltou ao Papa a firmeza de dizer que a prática homossexual é pecado. Uma maneira subjetiva e covarde de não assumir uma posição firme que a Bíblia não negocia.
- 6) Estou desconfiado que o Papa está precisando ler mais a Bíblia. (...) Não temos autoridade para colocar ninguém no céu ou no inferno, mas temos autoridade, segundo a palavra de Deus, para dizer se a prática de alguém é pecaminosa ou não. Não temos autoridade para julgar ninguém que vai a Deus, mas temos autoridade de dizer que uma prática de vida é pecado segundo a luz da Bíblia. (MALAFAIA, 2013, s/p).

Nos dois últimos comentários, Silas Malafaia relaciona os dizeres do Papa sobre a homossexualidade à falta de manuseio da Bíblia pelos católicos. Como se não houvesse incentivo do Papa à leitura bíblica e que tal falta serviria para que os dizeres papais se consagrassem como “verdades”, assim, sua voz se tornaria, por si só, mediadora entre o homem e Deus. Há uma memória discursiva nesses dizeres que alude à própria Reforma, acionando a difusão da Bíblia com valor de autonomia ao cristão, dispensando a mediação do sacerdote:

- 7) Por fim, deixo uma dica para a Igreja Católica: se vocês não querem perder fiéis para os evangélicos, motivem os católicos a lerem a Bíblia. (...) Em toda a passagem do Papa pelo Brasil, com toda a mídia em seu favor, em nenhum momento ele pede para os fiéis lerem a palavra de Deus. (...) Não é o sacerdote que leva o povo a Deus e sim a sua palavra.
- 8) Pelo jeito, a igreja evangélica vai crescer cada vez mais porque não queremos que o povo simplesmente acredite na nossa palavra, mas que a confira com o que a Bíblia diz. Vamos continuar lendo a palavra, pregando a palavra, distribuindo a palavra de Deus ao povo brasileiro. É exatamente o que está faltando à Igreja Católica. (MALAFAIA, 2013, s/p).

O discurso de que a Igreja Católica continua perdendo fiéis para as igrejas evangélicas é retomado por Malafaia. Dessa vez, diferencia a legitimidade dos dizeres das duas correntes cristãs pelo manuseio da Bíblia, reforçando um caráter legítimo aos dizeres das lideranças evangélicas na medida em que desqualifica bíblicamente os dizeres do Papa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1983, Orlandi (2009) definiu o discurso religioso como “aquele em que fala a voz de Deus”. Entretanto, essa definição foi reformulada posteriormente pela autora no livro *As formas do silêncio* (2007, p. 28): “Assim, reformulando a definição que havia proposto, eu

diria agora que no discurso religioso, em seu silêncio, ‘o homem faz falar a voz de Deus’”. A reformulação da definição do discurso religioso inclui o homem como enunciador, ou seja, o homem como porta-voz de Deus representa-O. Nessa conjuntura, reconhecemos que o lugar, ocupado por esse sujeito “que faz falar a voz de Deus”, garante a este o direito de representar a voz de Deus, mas não o de estar no lugar de Deus. “E daí deriva a ‘ilusão’ como condição necessária desse tipo de discurso: o como se fosse sem nunca ser”. (ORLANDI, 2009, p. 253). Embora não seja o Sujeito-Deus, reconhecemos o lugar de fala do seu representante, sobretudo, na sociedade em vias de mediação, quando seus dizeres ultrapassam os muros institucionais. Nesse lugar de legitimidade e de “ilusão”, os dizeres do Papa podem ganhar valor de verdades, mas também podem ser contestados.

Na circulação discursiva midiática dos dizeres do papa sobre homossexualidade há fluxos adiante que assumem várias formas (BRAGA, 2012). Integrados em outros circuitos, sobretudo tentativos, o reconhecimento desses dizeres ganha formas de novas produções, que buscam colocar em tensão o lugar de legitimidade dos dizeres, como forma de demarcar outras posições. Para os seguidores da teologia inclusiva, os dizeres do Papa após a JMJ em 2013, em certa medida, promoveu uma expectativa de reconhecimento desse novo modo de cristianismo. Para os líderes das Assembleias de Deus, esses mesmos dizeres traz à tona a distinção entre suas posições e o Catolicismo, reforçando uma identificação de “reformados” e “puritanos”. Para os católicos, esses dizeres só se validam na conjuntura mediada de sua enunciação, pois ainda não redefinem as práticas religiosas institucionais que prezam por sua conservação.

Os dizeres do Papa Francisco conclamando acolhida aos homossexuais em meio à emergência e fortalecimento de grupos organizados em torno da teologia inclusiva nos leva a reconhecer nesses dizeres um mecanismo de conter os discursos de exclusão que induzem os fiéis a peregrinar por outras alternativas cristãs que melhor se adequem ao perfil pessoal. Ou seja, é também discurso de autodefesa frente a novas possibilidades de evasão de fiéis, principalmente, daqueles que mascaram a opção sexual ou identidade de gênero para “sobreviver” nas igrejas tradicionais. Nas mídias, em geral, o discurso de acolhida aos homossexuais, ao mesmo tempo em que vai rompendo com preconceitos, provoca “circuitos canhestros”, pois há quem não aceita qualquer discurso de reconhecimento aos novos modos de ser no Cristianismo em vias de mediação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, José Wellington. Entrevista. **Mensageiro da Paz**. Nº 1536, maio de 2013. Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD, p. 11.

BOUTAUD, Jean-Jacques y VERÓN, Eliseo. **Sémiotique ouverte. Itinéraires sémiotiques en communication**. Paris, Lavoisier, Hermès Science, 2007. Cap. 8 : « Du sujet aux acteurs. La sémiotique ouverte aux interfaces. » (Traducción: Gastón Cingolani, para la cátedra de Medios y Políticas de la Comunicación, Área Transdepartamental de Crítica de Artes, Instituto Universitario Nacional del Arte, 2008).

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais In **Mediação & Mídia** / Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos, Nilda Jacks. (Orgs). Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BRAGA, José Luiz. Sobre “Mediatização” como processo interacional de referência. In: **Anais do 15º Congresso da Compós**, Unesp. Bauru: SP. Junho - 2006.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do Púlpito às Mídias Sociais: Evangélicos na política e ativismo digital**. Curitiba: Prismas, 2017.

FAUSTO NETO, Antonio. AD. Rumos de uma nova analítica. IN: FERREIRA, G. M., SAMPAIO, A. e FAUSTO NETO, A. (Orgs.). **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 27-42.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antônio y VALDETTARO, Sandra (directores). **Mediatización, sociedad y sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina**. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos”. Programa de Cooperación Científico-Tecnológico MINCYT-CAPEL 2009-2010. Cod. BR/08/21. Rosario: agosto, 2010. p 2-17.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FAUSTO NETO, Antonio; SGORLA, Fabiane. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. **Lumina**: Revista do PPGCom UFJF. v.7. n. 1, p. 1-17, 2013.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

SANTA SÉ. **Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso**, 2013. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html. Acesso em: 29 mar. 2017.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n.48, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.